

OS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NA PRIMEIRA INFÂNCIA E AS LEITURAS LITERÁRIAS COMO IMPULSOS EXPRESSIVOS PARA A VIDA

Viviane da Silva Brandão Cruz (UFT)

viviane.s.brandao@bol.com.br

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (UFT)

luizpeel@mail.uft.edu.br

RESUMO

Este artigo tem por objetivo refletir na literatura infantil os processos de aprendizagem da criança na primeira infância e as leituras literárias como impulsos expressivos para a vida, tendo o livro literário como sinônimo de brinquedo e de desenvolvimento nas mais variadas representações artísticas, segundo Vygotsky (1998). Parte-se desse entendimento e evidencia-se que os processos de desenvolvimento da criança na primeira infância (0 a 03 anos de idade) subsidiam a sua aprendizagem. Diante disso, busca-se o alinhamento das proposições construídas nos aportes teóricos consultados que versam sobre questões relacionadas à primeira infância. Observa-se que favorecer o contato de crianças – desde muito pequenas – com a literatura infantil implica uma construção progressiva do conhecimento cognitivo e o seu desenvolvimento integral. Entretanto, aproximar as crianças da literatura infantil por si só não garante sua emancipação. Importam muito os processos de desenvolvimento e aprendizagem, as interações entre os sujeitos, entre os objetos e meios culturais. Ressalta-se a importância de organizar situações que impliquem uma construção e uma apropriação de conhecimentos significativos, sejam cognitivos ou emocionais, por meio dos quais as crianças se relacionem com os meios, sejam eles subjetivos ou objetivos, tornando-se aptas a utilizar seu conhecimento para agir e para se expressar na vida.

Palavras-chave:

Interação. Literatura infantil. Primeira infância.

ABSTRACT

This article aims to reflect in children's literature the learning processes of children in early childhood and literary readings as expressive impulses for life, having the literary book as a synonym of toy and development in the most varied artistic representations, according to Vygotsky (1998). It is based on this understanding and it is evident that the processes of child development in early childhood (0 to 03 years old) subsidize their learning. Therefore, we seek the alignment of the propositions constructed to what the theoretical contributions consulted, which deal with questions related to early childhood. It is observed that favoring the contact of children – from very small - with children's literature implies a progressive construction of cognitive knowledge and its integral development. However, bringing children closer to children's literature alone does not guarantee their emancipation. The interaction between subjects, objects and the cultural and social milieu is important for development and learning processes. It is important to organize situations that involve the construction and appropriation of significant knowledge, whether cognitive or emotional, through

which children relate to means, whether subjective or objective, becoming able to use their knowledge to act and to express themselves in life.

Keywords:

Interaction. Children's literature. Early childhood.

1. Introdução

A importância de uma formação integral para crianças na primeira infância, período que compreende as idades entre 0 e 03 anos de idade, tem sido temática recorrente na sociedade em geral e entre estudiosos de diversas áreas. Um dos fatores que propiciam a discussão, nesse sentido, é o caráter assistencialista atribuído a essa etapa, cultivado por anos, em que contribuir para o desenvolvimento cognitivo da criança não tinha relevância. No entanto, estudiosos e pesquisadores já se debruçavam em estudos sobre esse assunto, e, desde então, pesquisas acerca do desenvolvimento infantil e dos processos de aprendizagem vêm contribuindo para novos paradigmas a respeito do desenvolvimento infantil.

O presente artigo propõe algumas reflexões acerca das concepções de desenvolvimento e de aprendizagem das crianças na primeira infância, partindo do pressuposto de que a literatura infantil pode contribuir com esses processos e levar as crianças a um desenvolvimento amplo. Para tanto, recorreu-se a pesquisa bibliográfica focadas nas teorias de Vygotsky e Piaget.

Barbosa e Horn (2008, p. 72) contextualizam o cenário em que se alarga o processo de desenvolvimento infantil.

A primeira infância, período que vai do 0 aos 3 anos, é a etapa que começa dominada por instintos e reflexos que possibilitam as primeiras adaptações e que se estendem para descoberta do ambiente geral e para o início da atividade simbólica. É o momento em que as crianças têm uma dependência vital dos adultos. O medo de viver e de manifestar-se, de conhecer e de construir o mundo, pauta-se na experiência pessoal, nas ações que realizam sobre os objetos e no meio que as circundam. Os primeiros anos de vida da criança estão marcados por uma constante busca de relações: as pessoas, os objetos e o ambiente são interrogados, manipulados, mediante uma realidade de intercâmbio interativo, juntamente com um processo de forte empatia. (BARBOSA; HORN, 2008, p. 72)

Atualmente, a criança passou a ser concebida como sujeito ativo no mundo; nesse sentido abordaremos a relação que a criança estabelece desde bebê com o meio e com as pessoas, ressaltando a importância da

cultura nesse processo, bem como os processos de aprendizagem e desenvolvimento da criança.

A literatura – e é importante frisar que não se trata apenas da que se mostra nos livros, mas da que circula na memória coletiva – é uma fonte de nutrição a que a criança recorre em busca de ferramentas mentais e simbólicas para organizar o fluxo de acontecimentos e situar-se e revelar-se e decifrar-se, também ela, na cadeia temporal instaurada na linguagem. (REYES, 2010, p. 63)

A pesquisa propõe reflexões sobre a literatura infantil como arte da palavra no sentido mais amplo. Tem como premissa a arte na articulação dos processos de aprendizagem e desenvolvimento, o que, segundo Vygotsky (1998), é próprio das mais variadas representações artísticas. Versa sobre a importância de a leitura ser incentivada desde o período que compreende a primeira infância, com vistas a alicerçar seu desenvolvimento individual e social. A noção de literatura infantil, neste estudo, não é atribuída exclusivamente ao texto escrito, mas também à literatura oral, que está presente nos versinhos das brincadeiras sugeridas pelos pais ao bebê, nas brincadeiras de faz-de-conta, nos contos de fada, nas cantigas, dentre outras linguagens manifestadas em nossa cultura. Por meio das experiências que esse contato propicia, a criança pode ter acesso ao universo simbólico, tão presente na literatura.

No decorrer da pesquisa serão apresentados autores que referenciam algumas concepções sobre o lúdico e o brincar na infância sob dois aspectos: sociocultural e psicológico. Veremos que nas interações entre os bebês e os livros – período em que ainda não estão familiarizados com os signos linguísticos – os infantes podem dar novos significados aos livros, como objetos com outra função, muitas vezes como brinquedos.

Todas as referências apresentadas neste artigo, mesmo que, em algumas vezes, de forma implícita, mostram as implicações acerca do que a literatura evoca. Dentro desse contexto, podemos supor a valorosa contribuição da literatura para o processo de desenvolvimento infantil; no entanto, é impossível mensurar em que medida essa arte pode favorecer o desenvolvimento dos processos cognitivos e socioemocionais das crianças, haja vista a complexidade própria de cada indivíduo e do contexto no qual estão inseridos.

2. *Literatura infantil como nutrição do corpo e da mente*

Sabemos que, desde o nascimento, a criança já tem contato com as diferentes formas de expressão; no entanto, comunica-se com as pessoas através da linguagem não verbal, as demais linguagens serão adquiridas e aperfeiçoadas nas suas inter-relações com os sujeitos, objetos e meio. A linguagem é uma das bases das relações, nesse sentido, podemos compreender a arte como linguagem, sendo este um sistema de representação, pois nos permite imaginar, recriar, jogar e compreender o mundo. É por meio das vivências cotidianas que a criança se desenvolve gradativamente, imagina, ressignifica, e utiliza seu aprendizado nas suas descobertas e vivências.

A literatura infantil é arte. E como arte deve ser apreciada e corresponder plenamente à intimidade da criança. A criança tem um apetite voraz pelo belo e encontra na literatura infantil alimento adequado para os anseios da psique infantil. Alimento esse, que traduz os movimentos interiores e sacia os próprios interesses da criança. “A Literatura não é como tantos supõem, um passatempo. É uma nutrição”. (MEIRELES, 1984 p. 32)

A esse respeito, torna-se fundamental o ponto de vista de Mesquita (2003), que concebe a literatura infantil como um conjunto de manifestações que tem a palavra como finalidade artística e que, sendo arte, pode exercer influência sobre a vida das crianças, auxiliando na construção de uma aprendizagem significativa, possibilitando descobertas na compreensão de si e do mundo.

Podemos reconhecer a importância do papel da literatura infantil como instrumento que coopera na formação de sujeitos pensantes, ativos e criativos; pois é a arte que suscita o imaginário. Sua essência está na palavra e não deve ter como finalidade única o processo de ensino e de aprendizagem com efeito moralizante, com rotas pré-estabelecidas, com supostos questionamentos e respostas. A Literatura circula por caminhos subjetivos, expressando-se das mais variadas formas, de uma maneira significativa para cada indivíduo.

Entendemos que a Literatura deve se apresentar de maneira interessante, favorecendo uma aceitação gratuita. A literatura é adubo para corpo e mente, na medida em que as crianças entram em contato com essas leituras, passam a compreender melhor o mundo; nas interações com o outro vão se desenvolvendo, ampliando suas possibilidades, construindo uma consciência própria, exercitando sua imaginação e criatividade. Daí a valorosa contribuição para uma formação integral das crianças.

Pode-se concluir que a literatura se evidencia não somente como arte, como promoção de uma experiência estética e livre fruição, ela pode oferecer também às crianças subsídios que as tornem capazes de lidar de maneira ativa com problemas do cotidiano, a se expressarem e a compreenderem a vida.

3. A importância de incentivar vivências de leituras literárias para as crianças desde bebês

Partindo dos pressupostos da teoria da aprendizagem e do desenvolvimento infantil, analisaremos as implicações advindas da aproximação das crianças com idade de zero a três anos, período em que estão se apropriando da linguagem oral, da literatura e dos livros literários.

Nessa perspectiva, surge a proposta da pesquisa, cuja problemática se postula da seguinte forma: a experiência com a literatura infantil possibilita o desenvolvimento cognitivo e socioemocional, dispondo de subsídios para a construção de significados e expressões das crianças na primeira infância?

A esse respeito, observa-se que, mesmo antes de compreender os vocábulos, os bebês já gostam de ouvir histórias, músicas e acalentos cantados pelos pais ou membros da família. Ainda no útero da mãe, o bebê consegue se sensibilizar com os estímulos recebidos por ela. A fala que nasce na família ou nas ações cotidianas do ambiente educacional influencia na cultura produzida pelas crianças; Charmichael (1977, p. 77) acredita que nenhum comportamento, nem mesmo quando é novo para o indivíduo, constitui-se num início absoluto. Está sempre apoiado em esquemas anteriores e, portanto, leva à assimilação de novos elementos e estruturas já construídas (inatas, como reflexos, ou previamente adquiridas).

Há um permanente diálogo entre os processos internos dos sujeitos e seu mundo social e cultural no meio de pesquisas, embora a psicologia atual reconheça a criança como parte ativa na construção de significados, participante ativo nos fatos de linguagem e de cultura. Reyes (2010, p. 22-3) cita Vygotsky: “o homem, ao construir sua cultura, se constrói a si mesmo”, para justificar sua compreensão da criança como sujeito que protagoniza novas concepções de leitura, em diferentes linguagens.

Nesse sentido, desde o nascimento, os bebês estabelecem comunicação através do choro, o qual, no decorrer dos anos, por meio de trocas com os pais, com os professores e com todos os que os cercam, aperfeiçoam até chegar ao domínio da fala. Os primeiros contatos que as crianças estabelecem com os textos acontecem oralmente, através da voz da mãe e dos familiares, quando contam histórias para elas. Nota-se que o contato com a literatura infantil incentivado pelo adulto desde o período que antecede a idade escolar proporciona experiências de leitura antes mesmo de dominarem tal prática. Papel que não deve ser atribuído somente à escola, mas também ao âmbito familiar, pois, o ato de ler é entendido como construção social.

A aproximação de crianças com livros mesmo antes de dominarem os códigos linguísticos pode auxiliá-las a fazerem desses momentos um ato significativo e de satisfação pessoal, pois pode levá-las a despertarem diferentes emoções, superar alguns conflitos, ampliar sua visão de mundo dentre outros aspectos tão importantes e que se fazem necessários para seu desenvolvimento integral.

4. A Literatura infantil circunstanciada pelos processos de aprendizagem das crianças na primeira infância e suas implicações para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional

O movimento gerado pela pesquisa nos mostra que as interações das crianças pequenas com os sujeitos, com o meio e com a cultura implicam num desenvolvimento pleno. Tanto Piaget quanto Vygotsky concebem a criança como sujeito ativo, em constante relação com o meio, no entanto divergem na forma como o processo de desenvolvimento se desencadeia.

A teoria de aprendizagem de Vygotsky tem ênfase nas interações sociais e no desenvolvimento cognitivo. Na etapa da primeira infância, o adulto tem o papel importante na educação da criança, estimulando tanto seu desenvolvimento intelectual quanto no aspecto socioemocional.

Considerando os pressupostos de Vygotsky (1998), que nos mostram que os processos de aprendizagem e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o início da vida de uma criança, e que, portanto, não são adquiridos apenas na escolarização, mas, nas relações em que o sujeito participa, concluímos que a relevância da pesquisa está na consideração da importância que há nas experiências anteriores à vida escolar do

ser humano para o desenvolvimento da criança. Reyes (2010, p. 23) reconhece que a atividade interpretativa da criança é de grande riqueza emocional e cognitiva, e que é empreendida por ela muito antes de ter acesso à alfabetização formal, quando ela se inicia na relação entre mãe e bebê. Essa interpretação nega as etapas do desenvolvimento e os pré-requisitos de Piaget, que seriam processos interligados para preparação para a leitura.

Piaget acredita que o desenvolvimento humano acontece de dentro para fora, afirmando que nenhuma experiência é totalmente nova para o indivíduo. Para ele, a criança reconstrói ações e ideias quando se relaciona com novas experiências proporcionadas pelo ambiente. O conhecimento humano é construído a partir da interação entre o homem e o meio, de forma lenta, obedecendo a estágios. Para adaptar-se ao ambiente, o indivíduo deve equilibrar uma ação com outras ações. Podemos exemplificar essas afirmações do educador suíço com os momentos das leituras, com as narrativas que surgem nos livros lidos pelos adultos e com a interação que as crianças estabelecem com eles (nesse contexto brinquedo/objeto); estas se configuram como práticas sociais e proporcionam a inserção da criança na cultura.

Por outro lado, é nas instituições de ensino que muitas crianças têm os primeiros contatos com o livro escrito. A relevância do valor simbólico do livro é valorada pela mediação do adulto leitor. Adotar situações de leituras prazerosas, como prática constante, sejam elas realizadas pelo professor ou quando as crianças exploram livremente o livro, torna-se um ambiente propício a descobertas e interações. Nesse contexto, “a cultura dá forma à mente, já que ela nos oferece uma caixa de ferramentas por meio da qual construímos não só nossos mundos, como também nossas concepções de nós mesmos e de nossos poderes” (BARBOSA; HORN, 2008, p. 26).

A partir das reflexões sobre os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança, Barbosa e Horn (2008) estão afinados com as concepções de Piaget e Vygotsky, quando destacam que o desenvolvimento ocorre pela ação dos indivíduos sobre o ambiente, salientando ainda que tanto a biologia quanto a experiência desempenham papéis iguais e recíprocos no desenvolvimento humano.

Desse modo, compreende-se a importância de um ambiente estimulador, capaz de favorecer situações onde a criança amplie suas poten-

cialidades, para que consiga perceber, explorar e atribuir significado ao mundo.

5. *As interações de crianças pequenas com os livros literários (o livro como brinquedo)*

Kishimoto (1998, p. 114) discorre sobre o termo lúdico em sua obra *O Brincar e suas teorias*, onde diz que a compreensão adequada do lúdico supõe tudo aquilo que se refere à infância, etapa da vida humana marcada pelo devir acelerado, numa perspectiva temporal dupla. Dessa forma, o brincar se torna o instrumento propulsor para a apropriação do conhecimento e fundamental para essa fase de desenvolvimento da criança.

Ainda segundo Kishimoto (1998, p. 119), apesar de a ludicidade ser considerada como atividade gratuita, tem grande importância para o desenvolvimento, pois não está presente apenas no brincar, mas também na linguagem, que é marcada pela musicalidade, pelo ritmo, pela rima, pela ideia de fantasia e pelo jogo simbólico. Tal aspecto simbólico pode ser explorado para despertar o prazer da criança em descobrir o novo a partir de recursos variados, como: fantoches, palitoches, dedoches, livros vivos, tapetes contadores de história, recursos sonoros, cantigas, versos, dentre outros.

Soares (2008) fala da importância que a literatura infantil exerce em nosso meio, afirma que nas últimas décadas, as editoras vêm investindo em livros para crianças e jovens em resposta às políticas públicas, ampliando o incentivo da leitura para esse público. As instituições de educação infantil, a partir de 2008, passaram a receber, por meio do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), acervos de livros de literatura infantil, de boa qualidade e com grande diversidade de gêneros. Peter Hunt (2010) reafirma que os livros infantis ao longo da história têm exercido grande influência social e educacional, e continuam proporcionando uma valiosa contribuição à história social, literária e bibliográfica, pois são vitais para o processo de alfabetização, para cultura e para formação estética.

Desse modo, no contexto atual, surgem os chamados livros-vivos, com o intuito de atrair os leitores e os “não leitores”. Esses, apresentam-se como um objeto estruturado para o manuseio e exploração da criança. Por exemplo, no mercado há livros fabricados em materiais diversos, que

exercem fascínio com suas mais variadas características, exigindo interação entre a criança e o objeto, sendo resistentes inclusive à água como o travesseiro de bichinhos, de banho, dentre outros.

Tais livros não se “mexem” no sentido exato da palavra, mas, ao se voltarem para um universo tridimensional, diferenciam-se dos livros comuns e encaixam-se no campo dos brinquedos, criando um tipo de cumplicidade baseada em formas primitivas de leitura. (KISHIMOTO, 1998, p. 36)

O estímulo e o contato das crianças com os livros são meios que favorecem a iniciação à leitura e o acesso ao conhecimento. No entanto, o fato de ofertar livros às crianças não garante a leitura. É importante que os primeiros contatos que os bebês tenham com os livros sejam por intermédio do adulto leitor. A criança constrói significado a partir da interação com o objeto, no caso, o livro; que pode ser apresentado para o bebê como um objeto a ser explorado, manipulado, e, por meio de aproximações cada vez mais constantes, o infante pode perceber que ele é um objeto mágico, portador de histórias, com o qual pode brincar, criar e imaginar. O livro adquire então o significado de brinquedo e dessa forma, o ato de brincar de ler, insere a criança no mundo da leitura. Vygotsky (1998), ao discorrer sobre crianças em idade pré-escolar que estão se estabelecendo numa cultura (primeiras vivências em espaços educativos), afirma que a existência do brinquedo é justificada pelo fato deste objeto servir para suprir desejos que não podem ser realizados imediatamente, como, por exemplo, a falta da mãe.

Alinhado ao pensamento de Vygotsky, concebemos a construção do conhecimento como resultado de interações entre o sujeito e o objeto e que as interações exercem maior influência do que um objeto em si para o sujeito. Vygotsky (1977) entende que, para conhecer os objetos, o sujeito deve agir sobre eles e, portanto, transformá-los: deve deslocá-los, ligá-los, combiná-los, dissociá-los e reuni-los novamente. As crianças bem pequenas já estão aptas a interagir com o meio e objetos, desde as ações sensório-motoras mais simples (tais como empurrar e puxar), sendo essas algumas das possíveis formas para que as crianças dessa faixa etária participem ativamente dos processos de leitura. Brandão e Rosa (2010, p. 70) complementam ainda que: “deve haver essa aproximação do leitor com o texto, destacando, por exemplo, o prazer de ler, a fruição estética, a multiplicidade de sentidos, a ampliação do universo cultural”. Dessa forma, as crianças atribuem significado ao livro, e começam a interessar-se por ele, passando a interagir com o objeto, articulam suas próprias narrativas ao observarem imagens, sons, texturas, cores, dentre outras características que os livros atuais possuem. Possibilitam também

outros usos, fazendo sua imaginação e seu pensamento se materializarem nas ideias e não nas coisas em si.

Sendo assim, muitos teóricos entendem o ato de brincar como fator importante para o desenvolvimento da criança, especialmente nos primeiros anos de vida. Carmichael (1977) destaca que a forma de brincar mais frequente no início das representações, entre um ano e meio e três anos, é o brinquedo simbólico, para o qual as crianças atribuem valor imaginário, tanto para os objetos, quanto para sua disposição. Portanto, nesse contexto, as experiências que a literatura favorece para os bebês e para as crianças maiores são muitas, como por exemplo, a sua percepção estética se revela em seu sentido mais amplo.

6. Como as crianças compreendem o ato de leitura mediado pelo adulto leitor e como desenvolvem o gosto pela leitura

As leituras compartilhadas se iniciam no lar, muitas vezes ainda no ventre da mãe, quando canta acalantos carregados de emoção, ou quando embala o filho nos braços narrando histórias ou versinhos marcados por sonoridade. Situações como essas acontecem antes mesmo de a criança estar familiarizada com a palavra. Daí a importância das relações entre os sujeitos para o desenvolvimento e para a aprendizagem, sobretudo em relação ao aspecto afetivo que se estabelece entre eles.

Para Vygotsky, a relevância da mediação do adulto nas leituras literárias para as crianças se dá pelo fato de serem imprescindíveis no processo de aquisição dos significados culturais presentes em meios tão necessários para a formação da criança. A partir da socialização da fala, ela começa a se comunicar e, a partir das interações, vai formando e estruturando seu pensamento, utilizando-o aos poucos como função de adaptação social. Nesse sentido, ouvir histórias tem uma importância que vai muito além do prazer proporcionado; este ato é importante para desencadear o processo de construção da linguagem, da cognição, das ideias, dos valores e dos sentimentos essenciais na sua formação de ser humano.

Sendo assim, as atividades que as crianças vivenciam numa cultura favorecem seu desenvolvimento, tanto na esfera individual quanto social. Nesse caso, as leituras realizadas pelo adulto ou quando as crianças protagonizam cenas de leitura, seja no manuseio do livro como brin-

quedo, seja na leitura de ilustrações, ou na representação de papéis, contribuem de fato para o seu desenvolvimento pessoal e social.

Essa visão propicia a passagem de uma perspectiva da aprendizagem individual e racional para uma perspectiva multidimensional. Destaca-se a concepção de que os processos de aprendizagem são racionais, sensoriais, práticos, emocionais e sociais ao mesmo tempo, isto é, todas as dimensões da vida – a emoção, a cognição e a corporeidade – estão em ação quando se aprende. Portanto, práticas educativas devem levar em conta vários aspectos humanos quando o objetivo é auxiliar aos alunos a interpretar e compreender o mundo que os circunda e a si mesmos. (BARBOSA; HORN, 2008, p. 26)

Quando as crianças brincam de ler umas para as outras, ou interagem com livros, elas passam pelo processo de simbolização, comunicando-se por meio de gestos e palavras e com isso tornando-se capazes de relacionarem-se com as pessoas, com o meio e a se portarem no mundo. Os elementos simbólicos presentes na cultura servem para ajudar a construir o que temos de mais genuíno: a imaginação e consequentemente os desdobramentos que formarão o pensamento.

7. Teoria cognitiva e sócio-construtivista

Apresentamos uma concepção dos processos de aprendizagem e desenvolvimento infantil, em linhas gerais, em duas perspectivas: a cognitiva de Jean Piaget e a sócio-construtivista de Vygotsky. Abordamos de forma sucinta aspectos que cooperam para o desencadeamento deste processo, tendo a literatura como facilitadora para o desenvolvimento cognitivo, e socioemocional da criança.

A teoria de Piaget afirma que o desenvolvimento cognitivo é subordinado às questões biológicas, com etapas de estágios fixos, necessários para constituição do que sucede. Desse modo, afirma o que segue:

a) Um período sensorial motor que vai até aproximadamente de 1 a 1 ano e meio de idade, com um primeiro subperíodo de centralização no primeiro corpo do sujeito (durante aproximadamente 7 a 9 meses), seguindo por um segundo subperíodo de objetivação e especialização dos esquemas da inteligência prática. b) Um período de inteligência representativa que conduz às operações concretas. Inicia-se por volta de 1 ano e meio e 2 anos de idade com a formação dos processos semióticos tais como a linguagem e a imagem mental. c) E finalmente o período das operações promocionais ou formais [...], de 11 a 12 anos. (CARMICHAEL, 1977, p. 83)

Ao apresentar tais pressupostos biológicos, o autor nos leva a perceber que os fatores internos do indivíduo superam os externos. Sua teoria do desenvolvimento está relacionada ao desenvolvimento das funções cognitivas, e são elas:

- a) A adaptação de um organismo ao seu meio durante seu crescimento, juntamente com as interações e auto regulações que caracterizam o desenvolvimento do “sistema psicogenético”. (A epigênese no seu sentido embriológico é sempre determinada tanto interna quanto externamente).
- b) A adaptação da inteligência no decorrer da construção de suas próprias estruturas, que depende tanto de coordenações progressivas internas quanto de informação adquirida através da experiência.
- c) O estabelecimento de relações cognitivas ou, de modo mais geral, de relações epistemológicas, as quais não consistem em uma simples cópia dos objetos externos ou num mero desdobramento de estruturas pré-formuladas no sujeito, mas implicam uma série de estruturas construídas progressivamente através da contínua interação entre o sujeito e o mundo externo. (CARMICHAEL, 1977, p. 71)

Nos estágios do desenvolvimento, Piaget relaciona funções do conhecimento que se tem de mundo e pensamento, de representação e funções afetivas, que são para ele fatores que desencadeiam o desenvolvimento cognitivo.

Para caracterizar os estágios do desenvolvimento cognitivo é preciso então integrar duas condições necessárias sem introduzir contradições. Essas condições para os estádios são (a) que eles devem ser definidos no sentido de garantir uma constante ordem de sucessão e (b) que a definição permita a progressiva construção sem implicar na total pré-formação. Estas duas condições são necessárias porque o conhecimento obviamente envolve aprendizagem pela experiência, que significa uma contribuição externa além daquela que implica estruturas internas, e as estruturas parecem evoluir de uma maneira que não é inteiramente predeterminada. (CHARMICHAEL, 1997, p. 82)

Vygotsky (1998), por sua vez, diz que as relações sociais e culturais são fatores determinantes para o desenvolvimento infantil. O autor traz reflexões sobre o ambiente social, sendo este desencadeador no processo de aprendizagem, podendo apresentar variáveis, e conseqüentemente mudar o curso e o grau de desenvolvimento humano. Seguindo a mesma linha de raciocínio do autor da teoria da aprendizagem entende que a criança desde bebê já está imersa numa cultura e que, através das interações que estabelece com adultos e seus pares, vai formando sua visão de mundo, ampliando sua linguagem e desenvolvendo sua imaginação e assim por diante até que diversas estruturas sejam internalizadas

para caminhar na construção de conhecimento - podemos concluir que essa interação ocorre através da mediação por mecanismos ou signos.

Segundo Vygotsky, a relação entre o homem e o mundo é mediada por sistemas simbólicos, que auxiliam a atividade humana.

Vygotsky estendeu esse conceito de mediação na interação homem-ambiente pelo uso de instrumentos, ao uso de signos. Os sistemas de signo (a linguagem, a escrita, o sistema de números), assim como o sistema de instrumentos, são criados pelas sociedades ao longo do curso da história humana e mudam a forma social e o nível do seu desenvolvimento cultural [...]. Acreditava que a internalização dos sistemas de signos produzidos culturalmente provoca transformações comportamentais e estabelece um elo de ligação entre as formas iniciais e tardias do desenvolvimento individual. (KISHIMOTO, 1998, p. 8)

Como se vê, a linguagem tem papel importante na interação entre sujeito e meio. O desenvolvimento da linguagem implica o desenvolvimento do pensamento, já que é pelas palavras que o pensamento ganha existência; no entanto, o pensamento precede a palavra. Ela ocorre no processo de socialização, pois quando se relaciona com o adulto, a criança reconstrói as formas culturais, o pensamento, suas significações e começa a fazer uso das palavras. Para Vygotsky, a linguagem tem duas funções básicas: intercâmbio social e pensamento generalizante. O intercâmbio social tem como objetivo a comunicação, é facilmente percebido nos comportamentos dos bebês: por meio do choro, gestos, expressões e sons eles demonstram sentimentos, desejos e necessidades. Já o pensamento generalizante é a utilização dos sistemas de signos com vistas a tornar a linguagem um instrumento de pensamento.

Da análise desses elementos, Vygotsky diz que de acordo com a variação do ambiente, o desenvolvimento humano também varia, ou seja, quanto mais estimulante e rico o ambiente, mais amplo será seu desenvolvimento. Para esse autor a cultura é parte essencial do processo de construção da natureza humana. Com isso, concluímos que antes de estarem inseridos em espaços educacionais, as crianças se desenvolvem a partir das trocas estabelecidas, adquirindo assim o conhecimento para mais tarde utilizá-lo como meio de se compreender e se expressar no mundo.

8. *A relação que a literatura estabelece com os processos de aprendizagem e desenvolvimento infantil e suas possíveis implicações*

Ao contextualizarmos as investigações de Vygotsky e Piaget sobre o tema, temos por intuito tornar mais clara a relação que a literatura estabelece com estes processos e suas possíveis implicações. Diante da premissa de que a criança é concebida como sujeito ativo e em constante modificação, reconhecemos que os processos de aprendizagem da criança na primeira infância não devem estar subordinados a questões puramente biológicas. A forma como as crianças se desenvolvem e concebem o mundo se ampliam também de acordo com suas experiências e o desenvolvimento desencadeado por elas.

As proposições até aqui apresentadas sob a luz das duas teorias estudadas nos levam a acreditar que não podemos ter uma visão única e irrefutável acerca dos processos de aprendizagem e desenvolvimento infantil, pois em dado momento elas se relacionam, servindo inclusive de embasamento para enriquecer e complementar uma a outra. Em cada uma delas, podemos encontrar pressupostos para embasarmos nossas práticas educativas. Vygotsky (1998), nos seus estudos e pesquisas, já disseminava essa ideia, deixando absolutamente claro, do seu ponto de vista, que nenhuma das escolas de psicologia existentes fornecia as bases firmes necessárias para o estabelecimento de uma teoria unificada dos processos psicológicos humanos.

9. *Considerações finais*

No decorrer da pesquisa foi possível argumentar em favor de uma educação mediada pela literatura infantil para favorecer o desenvolvimento cognitivo e socioemocional da criança dentro do contexto do brincar, da imaginação, da expressão, circunstanciado pela interação social e pelo o meio.

Ao considerarmos a primeira infância como uma etapa propícia para a promoção de uma aproximação das crianças com a literatura infantil, entendemos que a riqueza da experiência que ela oferece deve se tornar algo comum e profícuo nas escolas. Ela se postula como aliada ao desenvolvimento integral da criança, contribuindo para formação de sujeitos criativos, sensíveis e capazes de utilizar a inteligência nas demandas do cotidiano. A amplitude de possibilidades que as experiências com a literatura descortinam para o horizonte de expressões da criança

não tem limites. Ela consegue transitar livremente entre o mundo real e o simbólico, o que pressupõe um desenvolvimento integral e uma construção de um conhecimento significativo.

Consequentemente, acreditamos que a iniciação à leitura de textos literários deve ser mediada pelo adulto leitor desde os primeiros dias de vida da criança. Essa ação não deve ser compreendida apenas como competência da escola, mas vivenciada em qualquer ambiente no qual a criança esteja inserida. Uma vez que o ato de ler, como foi possível compreender no decorrer da pesquisa, tem caráter social, e, por isso, estando presente em nossa cultura, pode ser praticado não somente como mera atividade com um fim educativo, mas de um modo frutífero em qualquer atividade lúdica e interativa.

As crianças devem ter contato com a literatura infantil desde cedo e possivelmente seja esse um dos primeiros passos para a construção de alicerces sólidos a para formação de um sujeito pleno. Nesse processo, é fundamental que a leitura seja um hábito frequente em todos os níveis de desenvolvimento da criança. Pois são nas minúcias das interações que dela advém, que está a relevância da questão de pesquisa. Diante de todo o exposto, é possível afirmar que a literatura apresenta pressupostos que a evidenciam como instrumento que auxilia no desenvolvimento pleno da criança.

Ao possibilitar um ambiente propositivo para as crianças, rico em experiências, estamos garantindo as condições mínimas para que desenvolvam suas potencialidades, suas capacidades cognitivas e socioemocionais. Dessa forma, estaremos cooperando para vivências significativas, estas que acabam por fornecer-lhes subsídios necessários para torná-las capazes de perceber, de atuar e de se expressar no mundo.

Os resultados dos pressupostos aqui apresentados podem servir para novas discussões. Tal como a criança é concebida como sujeito social em constante transformação, assim também é o meio social em que vivemos. As culturas existentes se modificam e, deste modo, as possibilidades de novos estudos e pesquisas acerca deste assunto não se esgotam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. *Projetos pedagógicos na educação infantil*. Porto Alegre: Grupo A, 2008.

CARMICHAEL, Leonard. *Manual de psicologia da criança*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1977. (V. 4, Desenvolvimento cognitivo I.)

FRIEDMANN, Adriana. *O brincar na educação infantil: observação, adequação e inclusão*. São Paulo: Moderna, 2012.

KISHIMOTO, Tizuko Morchiba. *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Cengage Learning, 1998.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PARREIRAS, Ninfa. *Do ventre ao colo, do som à literatura: livros para bebês e crianças*. Belo horizonte: RHJ, 2012.

REYES, Yolanda. *A casa imaginária: Leitura e literatura na primeira infância*. São Paulo: Global, 2010.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Capítulo de livro:

BRANDÃO, Ana Carolina; ROSA, Ester Colland de Sousa. *A leitura de textos literários na sala de aula: é conversando que a gente se entende*. Literatura: Ensino Fundamental. Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica. Brasília, 2010. p. 69-85

HUNT, Peter. *Por que estudar a literatura infantil? Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 43-72

SOARES, Magda. *A escolarização da literatura infantil e juvenil*. A escolarização da leitura literária. O jogo do Livro Infantil e Juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.17-49.

SOARES, Magda. *Livros para a educação infantil*; a perspectiva editorial. Literatura infantil: políticas e concepções. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 21-33

Referências consultadas pela Internet:

MESQUITA, Armindo. *A estética da recepção na Literatura Infantil*. www.alfarrábio.di.uminho.pt/vercial/infantil/armindo.rtf Acesso em: 10 de Jun. 2018.